



EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A EMANCIPAÇÃO DOS CORPOS-SUJEITOS: Relato de uma Experiência de Expressão Corporal, com Professores do MST

**Maria Simone Vione Schwengber, Neyta Oliveira Belato,
Paulo Carlan, Silvana Maria Bellé Zasso***

RESUMO

O curso de formação de professores tem como objetivo básico, o uso de atividades lúdicas na aprendizagem. Ao constatar que durante a disciplina de Ed. Física, os alunos não compreendiam a relevância desta abordagem no processo de ensino, o que gerava um grande distanciamento entre teoria e prática, se fez necessário mudar a metodologia de trabalho e o jogo foi fundamental para este desenvolvimento.

ABSTRACT

The basic objective of a teacher's graduation course is to make use of funny activities during the learning process. After discovering that during physical education discipline the students had no in mind how prominent were these activities for the teaching process, which have produced an expressive distance between practice and theory, it was necessary to change the work method and to play a game was mandatory for this improvement.

* Prof. M.S do Curso de Educação Física da UNIJUÍ.

Prof. M.S Coordenadora Executiva do SPEG e coordenação do projeto de capacitação da UNIJUÍ.

Prof. M.S do Curso de Educação Física da UNIJUÍ.

Prof. M.S do Curso de capacitação de professores do MST da UNIJUÍ.

Introdução



experiência da Oficina de Educação Física relatada no texto, foi realizada no espaço da III Oficina de Capacitação de Professores(as) do Movimento Sem Terra - MST. O Trabalho em apresen-

tação foi programado como uma das oficinas específicas que aconteceu no decorrer do Projeto¹ de Capacitação dos referidos professores(as) que atuam na Regional do MST de Cruz Alta - RS.

O coletivo de professores(as) a partir de um diagnóstico inicial, definiu as prioridades que deveriam ser trabalhadas, bem como objetivos e diretrizes de ação para orientar o processo desenhado. Destacamos uma das diretrizes que tem muito a ver com a experiência que segue, diz: *A capacitação dos(as) professores(as) deverá fornecer elementos para que consigam resgatar, em conjunto com a comunidade/escola, seus valores culturais de forma a construir uma forte identidade das pessoas, do grupo e da comunidade.*²

A ação educativa do referido projeto está organizada em módulos temáticos, com base nos problemas, necessidades, prioridades e diretrizes definidas pelo *coletivo de capacitação* que foi construído pelos alunos(as)/professores(as), pelos educadores do SPEP³ (Seminário Permanente de Educação Popular) e uma representação da Equipe de Educação Estadual do MST. Nesta capacitação, há uma coordenação pedagógica que está buscando criar as

condições para que se garanta de fato uma formação em processo, acompanhando os professores/alunos em trabalhos realizados nas escolas/comunidade.

Assim, estão sendo desenvolvidos os módulos temáticos através de Oficinas realizadas na UNIJUÍ (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul). Esses foram organizados da seguinte forma:

I Oficina - Levantamento de problemas enfrentados pelos professores em sua atuação educativa, com o objetivo de elaborar uma proposta de capacitação;

II Oficina - ênfase no planejamento tomando por base o planejamento anual da escola para realizar a desconstrução da prática educativa;

III Oficina - ênfase no planejamento fazendo a reconstrução da prática, considerando as teorias existentes e as ações propositivas;

IV Oficina - ênfase para o currículo e os conteúdos - teorias da aprendizagem;

V Oficina - ênfase na sistematização - abordagem teórica, proposta metodológica e sistematização da prática educativa dos professores buscando definir a proposta político pedagógica das Escolas dos Assentamentos.

VI Oficina - ênfase na avaliação através da análise das práticas avaliativas, das concepções, dos fundamentos e da proposta metodológica.

É importante ressaltar que a experiência em análise esteve programada neste conjunto maior dos módulos temáticos. Isto porque temos nos esfor-

çado para realizar um processo de formação interdisciplinar. Assim, em cada uma dessas Oficinas esteve ou está previsto Oficinas em áreas específicas, como Educação Física, Arte Cerâmica, Teatro, Música..., demandadas pelos(as) professores(as) envolvidos na formação. Desta forma, segue o relato da Oficina de Educação Física realizada neste contexto maior do Projeto de Capacitação, mais especificamente na III Oficina de Capacitação vivenciada no período de 08 a 11 de Julho de 1997, que teve como tema orientador A Dimensão Cultural do Corpo.

Criando Espaços para Brincar, Jogar e Dançar

O desafio maior da oficina foi explorar os elementos inerentes às manifestações expressivas dos corpos-sujeitos envolvidos no processo de capacitação, utilizando como recurso o corpo próprio de cada participante. A nossa proposta político-pedagógica sustenta-se na perspectiva de uma práxis da educação física permeada pelo movimento humano crítico-emancipatório.

A oficina, num primeiro momento propôs atividades de nessa perspectiva, a turma apresentou uma certa timidez, resistência, bloqueio, risos nervosos, enfim demonstraram dificuldade como por exemplo de se aproximar e tocar no colega, de falar, gritar, cantar, resmungar.

Nessa abordagem, o movimentar-se expressivo não necessita, para garantir-se como uma possibilidade educativa, de espaços formais instituídos e

preestabelecidos (quadras de esportes construídas de acordo com as especificações oficiais, consoantes com o padrão da norma, regulamentos universais...)

No processo tradicional da educação física os exercícios são valorizados conforme o paradigma do rendimento, da quantificação do movimento, enfim, de desempenhos específico. Segundo esses valores expressão do corpo que se movimentava sempre teve importância secundária.

Ao contrário, a práxis do movimento crítico-emancipatório requer que os espaços da educação física sejam mais do que espaços instituídos, onde se saibam executar movimentos; requer que esses sejam os espaços onde se corporifica o movimentar-se, espaço onde se compreenda, crie, transforme, imagine o conhecimento. Espaço que possibilite aos sujeitos viverem, sentirem, expressarem e criarem o se -movimentar⁴.

Na base de toda a formação está o homem, que se constitui num corpo que é presença, gesto erotizado, sexualizado e coletivizado, que está longe de servir de couraça muscular. Corpo como lugar de enraizamento da ação, da palavra da expressão, corpo como espaço eminentemente, expressivo que escreve o seu próprio texto no espaço.

Nesse sentido, as primeiras atividades realizadas enfocaram a sensibilização particular de cada corpo envolvido no processo. A corporeidade, dentro dessa ótica, é tomada como algo concreto, contextualizada na espacialidade e na temporalidade de cada corpo como fenômeno vivo. Apresenta-

mos as vivências como tentativa de fazer os sujeitos vivenciarem o corpo em outros níveis das diversas dimensões; do real ao corpo vivido da realidade, do corpo simbólico ao corpo imaginário vivido pela fantasia, permeado pelo emocional, afetivo e sensorial, perceptivo, ou seja, ampliando os aspectos corporais.

As vivências corporais se apresentaram num viés que permitia que o diálogo de cada corpo-sujeito fluísse do seu interior ao estabelecer as relações com o exterior, portanto, permitindo que a essência de cada corpo-sujeito se desprendesse ao longo da atividade, num processo de comunicação onde o corpo real, em trocas simultâneas nos tempos e espaços, se projeta para fora de si. Buscando, portanto, vivenciar a essência do movimento em sua existência movimento não-padronizado nem estereotipado – por meio da linguagem corporal, externando, expressando e comunicando a dimensão histórica da subjetividade, dos silêncios, dos ruídos corporais de todos envolvidos no processo. Corpos como fonte de expressão, de criação, existência compreendida como arte, sentida e vivida, contemplando o movimento na perspectiva da arte da expressão.

A corporeidade como espaço e tempo de singularização do sujeito. O espaço do corpo se apresenta como fronteira entre o sujeito e o mundo exterior: é com o meu corpo que me justifico e me projeto na aventura da minha existência. Apoiamo-nos nas assertivas de Merleau-Ponty (1994, p. 207), de que *eu não estou diante de meu corpo, eu estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo*. É na unidade da vida corporal que a criança funda a dialética das suas própria expe-

riência e aprendizagem (do corpo e pelo corpo), numa perspectiva em que a existência do mundo se apresenta envolvente e totalizante. É a nossa originalidade que se projeta no mundo, ao mesmo tempo em que esse incorpora em comunicação.

Corporeidade compreendida, portanto, como constituição individual e social, ou seja, no meu corpo está o registro da minha história individual e ao mesmo tempo, da minha história social.

Fomos provocando atividades que ampliassem as experiências corporais, por meio de jogos rítmicos, como estratégia fundamental do trabalho, possibilitando aos sujeitos romperem, vazarem os ruídos, os sons, começando com os dos seus próprios corpos, ao mesmo tempo marcando que esses corpos demandam outras linguagens, como a música, a dança, que são possibilidades que, muitas vezes, não são valorizadas e reconhecidas como a arte expressiva e o princípio educativo da própria particularidade da educação física

Utilizamos a musicalização do nome próprio de cada sujeito, criando assim diferentes linguagens coreográficas. Um nome, um vocábulo ao redor do qual se começa a construir um universo de significado, uma identidade, uma primeira forma de nos relacionarmos com o mundo. Nome: a primeira forma de expressão de cada corpo, que representa a sua história de vida e o reflete, de algum modo, como ser no mundo, ser-presença.

Patrícia Stokoe (1990, p. 4) afirma que *não nascemos homens, vamos fazendo-nos. Tampouco se nasce poeta, bailarino, escritor, músico. Trazemos um potencial ou bagagem de premissa*

que poderá desenvolver-se crescer à medida que proporcionarmos as possibilidades e a oportunidade de desenvolver-se.

Intensificamos e ampliamos o trabalho de sensibilização corporal, pontuando a voz (som) como elemento fundamental da comunicação, o seu uso como necessidade preponderante de expressão com os outros.

Desafiamos-os a perceberem a voz-linguagem, a voz falada, a voz sussurrada, a voz declamada, teatral, a voz cantada, enfim todas as vozes com suas múltiplas funções sociais, reconhecida como objeto fundamental de educação corporal, a voz humana tratada como forma de comunicação e de expressão.

Os sujeitos manifestaram as seguintes falas a partir dessas vivências:

Esta oficina foi um tapa na cara da gente, porque dissemos que na escola não tem material e que, por isso, não podemos fazer nada. Começo a me dar conta de que podemos usar o recurso do próprio corpo.

Alguns estudos afirmam que as experiências expressivas aceleram o processo de politização porque ocorre a descoberta de um corpo diferente, mais livre e mais vivo, que permite se interrogar sobre as proibições da vida cotidiana. (Cf. Reunaud, 1992, p.77). A expressão corporal é simultaneamente a ocasião de um novo questionamento pessoal, de uma reivindicação mais politizada. A expressão corporal permite

interrogar as experiências: *A gente fica retraída ao tocar nos colegas,... não poderia ser diferente, por causa da nossa cultura.; Com esse tipo de atividade eu fico contrariado.; Como educadores do MST, falamos em liberdade no sentido amplo; às vezes não mostramos o sentimento e a emoção, na realidade não nos libertamos.*

Já na aula instituída apenas na perspectiva instrumental do movimento o corpo é jogado à *performance*, ao rendimento, ao sofrimento, funcionando de modo automático e sentido vazio, corpo que não se sente habitado, olhado, mas apenas julgado pelos outros, encolhido, submetido às normas estéticas do meio. Evidenciando essas representações ocorreram depoimentos, tais como: *a educação física não me realiza*. Outro colega complementa: *Devemos derrubar a cerca da educação tradicional*. A expressão corporal abre uma dimensão suscetível que contrabalança a primazia do movimento na perspectiva instrumental. A expressão corporal supõe um trabalho sobre si, interiorização, produção de significantes.

Hoje, portanto, o cenário que temos acerca da complexidade da dinâmica das vivências da corporeidade, inclusive, nos obriga a repensar alguns conceitos pertinentes que, ao mesmo tempo, diferencia e destaca o humano no mundo dos seres vivos. A corporeidade assume por si uma expressão inerente, um estar no mundo. Merleau-Ponty (1994, p.549-80), complementando essa concepção afirma que *o corpo está dentro do espa-*

ço, o corpo habita o espaço da mesma forma que não está no tempo, o corpo é uma história dentro do outro (Id., p.6). O homem, desde o nascimento, usa o movimento como linguagem para expressar as suas necessidades, bem como as suas emoções e angústias, enfim, seus sentimentos. Nesse sentido, optamos por estabelecer um jogo, um brincar e dançar reflexivo, permeado pela práxis que parte da descoberta da linguagem corporal, provocando os sujeitos a dar-se conta do seu corpo, ou seja, tornar-se consciente de si, abrindo as portas de comunicação com o mundo mediante manifestações corporais da arte expressiva, apesar dos espaços interditos.

Ao finalizar este relato gostaríamos de registrar que essa oficina não teve como propósito acrescentar umas poucas horas de expressão corporal ao programa de capacitação, mas também encetar a discussão a respeito da emancipação do corpo. Faz-se necessário uma orientação global acerca da corporeidade; não apenas para a particularidade da educação física, mas para o conjunto da educação escolar que se queira emancipatória

Dando continuidade ao referido projeto, realizamos assessorias com relação a temática Lazer/Recreação/Movimento Humano, na perspectiva de construir um espaço multifuncional no assentamento de Nova Ramada (Júlio de Castilhos/R.S.), a partir da reflexão e comprometimento dos professores, alunos, pais e comunidade em geral do assentamento com o propósito de tornar-se um projeto piloto referência, para os demais assentamentos do R.S.

Notas

- ¹ Este Projeto de Capacitação de Professores(as) conta com o apoio financeiro do INCRA Regional do Rio Grande do Sul e da UNIJUÍ. Cabe dizer também, que está constituído por uma Equipe Técnico-Pedagógica Permanente composta por quatro professoras. Além desses profissionais, possui a contribuição de educadores que trabalham em áreas específicas, como é o caso desses(as) professores(as) de Educação Física.
- ² SPEP – Memória da oficina de Capacitação de Professores e professoras de assentamentos e Acampamentos da Regional de Cruz Alta do MST - Ijuí, Ed. UNIJUÍ - Cadernos UNIJUÍ – Série Educação Popular nº 1, p. 22.
- ³ O SPEP é um Programa de Educação Popular do Departamento de Pedagogia da UNIJUÍ. Este programa trabalha desde 1989 com assessorias pedagógicas, principalmente a movimentos sociais da região Sul do país.
- ⁴ O leitor interessado pode recorrer à segunda parte do livro *Educação Física: Ensino & Mudança*, onde o autor traz referência teórica mais abrangente acerca do movimento. Para Kunz (1991, p.74) *ose-movimentar entendido como diálogo Homem e Mundo, envolve o sujeito desse acontecimento sempre na sua intencionalidade. E é através desta intencionalidade o sentido/significado do se-movimentar*. Sentido/significado e intencionalidade têm, assim, uma relação muito estreita na concepção dialógica do movimento.

Bibliografia

KUNZ, Elenor. *Educação Física. Ensino & Mudança*. Ijuí: Unijuí, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

REUNAUD. *Linguagem do Silêncio: expressão corporal*. São Paulo: Summus, 1992.

SCHWENGBER, M. Simone. *O Silêncio e as Falas dos Corpos-Sujeitos nas práticas de educação Física de uma Escola Pública*. Ijuí: Unijuí Ed., 1997.

STOKOE, Patrícia. *Expressão Corporal: Senso Potência*. Trad. Sérgio Miola. Ijuí: Unijuí, 1990.